

ENTREVISTA COM PAULO MODESTO

AUGUSTO NEVES DAL POZZO

Professor da PUC-SP.
augusto@dalpozzo.com.br

RICARDO MARCONDES MARTINS

Professor da PUC-SP.
ricmarconde@uol.com.br

Revista de Direito Administrativo e Infraestrutura (RDAI) – A primeira¹ pergunta é a mais pessoal. Conte-nos um pouco sobre a escolha do Direito. E pelo Ministério Público. Como o senhor vê a instituição do Ministério Público hoje? Possui uma visão crítica? Ele vem cumprindo a contento seu papel institucional?²

Paulo Modesto – Aos 15 anos de idade eu identifiquei claramente que meu objetivo era estudar Direito. Mas não apenas Direito – eu também tinha enorme atração por filosofia. Gostava de estudar nessa primeira fase sobretudo os gregos. Lembro de ter descoberto e lido – com deslumbramento – obras de Aristóteles e Platão já nessa época. Mas, Direito era o interesse dominante. Quando eu concluí o segundo grau, fiz duas faculdades de Direito. Portanto, era bem convicto de que desejava estudar Direito! (risos) Fiz vestibular para a Universidade Católica e para a Universidade Federal da Bahia para direito e fui aprovado em ambas, as únicas faculdades existentes. E comecei a cursar as duas Faculdades, porque eu não sabia qual era a melhor! Então, na incerteza sobre qual era a melhor, eu resolvi fazer empiricamente o teste. Optei pelo curso de direito da Federal e abandonei a

-
1. Professor de Direito Administrativo da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Presidente do Instituto Brasileiro de Direito Público e do Instituto de Direito Administrativo da Bahia. Doutorando em Direito Público pela Universidade de Coimbra. Membro da Academia de Letras Jurídicas da Bahia e do Ministério Público da Bahia. Coordenador-Geral da *Revista Brasileira de Direito Público*. Ex-Consultor Jurídico e Assessor Especial do Ministro da Administração Federal e Reforma do Estado do Brasil (1995-1998). Membro da Cátedra de Cultura Jurídica da Universidade de Girona (Espanha). Editor do *site* direitodoestado.com.br.
 2. Entrevista concedida em São Paulo, em 19.10.2018.

Católica. Em seguida, fiz alguns semestres no curso de Filosofia na Universidade Federal da Bahia, em disciplinas opcionais – basicamente, Teoria do Conhecimento, estudei por um ano a teoria do conhecimento de Kant. Mas fui convidado na mesma época para assumir compromisso de estágio em Direito perante o serviço do patrimônio histórico da União e acabei deixando a Faculdade de Filosofia. O Direito foi uma ideia fixa. Por quê? Não sei! Talvez porque as relações humanas sempre me fascinaram e a disciplina jurídica das relações humanas era algo que imediatamente me interessou.

O Ministério Público não foi uma paixão de primeira hora. Surgiu como ideia muito depois. No início da faculdade escrevi um artigo sobre a reforma educacional que à época se debatia. A faculdade promoveu um dia de encontros para a discussão do tema. Esses debates ocorriam em várias salas e em uma delas era conduzido pelo Prof. José Joaquim Calmon de Passos, um jurista renomado nacionalmente. Fui para essa sala e, com a ousadia dos jovens, resolvi debater com o professor Calmon. Ele não me conhecia, nem eu o conhecia ainda pessoalmente, e viramos amigos ali no debate. Foi um encontro decisivo. Ele me chamou para fazer o curso de especialização dele logo que entrei na faculdade. Eu disse: “Professor, não tenho a menor condição de fazer o curso de especialização, estando no primeiro ano da Faculdade, mas quando eu tiver condição, faltando dois anos para terminar, eu faço sim”. Ele disse: “Você vai ser meu aluno irregular, não se preocupe” (risos) Fiquei dois anos fazendo curso de especialização dentro do curso de graduação, inclusive escrevendo artigos, e me tornei amigo fraterno de Calmon de Passos. Calmon era fascinante... E foi ótimo, porque se não fosse isso eu teria largado a Faculdade de Direito... alguns professores eram ruins durante o meu curso de graduação e Calmon me deu um outro entusiasmo. Hoje, a UFBA está amplamente renovada. E Calmon foi durante toda a vida membro do Ministério Público e somente depois de aposentar passou a advogar. Ele me influenciou profundamente: era um homem franco, direto, apaixonado pela vida e pelo drama do homem, crítico por excelência. Mesclava direito e filosofia, direito e literatura, direito e ciências sociais. Foi a primeira vez que pensei no Ministério Público.

Mas eu queria aprofundar estudos, e assim decidi mudar para São Paulo para fazer mestrado na PUC-SP e estudar com Celso Antonio Bandeira de Mello, jurista que admirava no direito administrativo. Não era comum naquela época se formar e fazer mestrado; eu vim fazer mestrado porque desejava continuar a estudar e não tinha condições de advogar na Bahia. Ao mesmo tempo, havia começado a namorar minha atual mulher, Monika... seis meses aqui em São Paulo e eu sentia uma saudade enorme... Disse: “Vou trazer Monika para o ‘estágio probatório’,